

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ INTERPRETAÇÕES SOBRE A CURIOSIDADE

DOSSIER PRESENTATION INTERPRETATIONS ABOUT CURIOSITY

Maria Cristina Theobaldo¹
Universidade Federal de Mato Grosso
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
e-mail: maria.theobaldo@ufmt.br

Marcus Cruz²
Universidade Federal de Mato Grosso
Instituto de Geografia, História e Documentação
e-mail: marcus.cruz@ufmt.br

*É curiosidade o que faz prestar atenção à curiosidade;
a curiosidade só pode escapar de sua discriminação
por si mesma [...].*
Hans Blumenberg³

Um certo sentimento, uma certa inquietação, que em certos momentos aflige e arrebatava as mentes e as consciências humanas, movendo-as a inquirir e a questionar tanto a realidade exterior, quanto as profundezas do mundo interior, recebeu na tradição do pensamento ocidental a denominação de *curiosidade*.

Este impulso pelo conhecimento, pela investigação, ainda que de forma assistemática, dispersa e mesmo desregrada, está na raiz da busca humana pelo saber, que assumiu ao longo do tempo e da história diversas e diferentes formulações conceituais, valores e usos, tais como podemos encontrar na filosofia ou nas ciências.

¹ Professora Associada do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso. Doutora pela Universidade de São Paulo. Desenvolve estudos nas áreas de História da Filosofia Moderna, História da Filosofia e Ética do Renascimento e Ensino de Filosofia.

² Professor Adjunto do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Geografia, História e Documentação da Universidade Federal de Mato Grosso. Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desenvolve pesquisa na área de estudos tardo antigos, teoria da história e história da historiografia

³ BLUMENBERG, Hans. El proceso de la curiosidade teórica. In: *La legitimación de la Edad Moderna*. Trad. de Pedro Madrigal. Valencia: Ed. Pre-Texto, 2008.

O estudo e as indagações em torno da curiosidade se constituíram como uma temática clássica desde a Antiguidade greco-romana, atravessando o mundo medieval e tendo um momento particularmente fecundo nos primórdios da modernidade, especialmente, durante o que Jacob Burckhardt⁴ denominou de Renascimento. E depois, com a ciência moderna, recebeu nova significação, passando a integrar o rol das virtudes do cientista.

As discussões e perspectivas concernentes à tópica da curiosidade assumiram importância e interesse no pensamento hespérico na medida em que, ao se encontrarem imbricadas com o desejo de conhecer, pulsão humana pela investigação, acabaram por transbordar do campo da ética para outras regiões do conhecimento como para a epistemologia, a psicologia e a filologia, desvelando, assim, inegável potência interdisciplinar e pluralidade cultural.

De nossa parte, agregada à tradicional pertinência do tema, constatamos, após levantamento preliminar da literatura crítica, do quão escassamente tal matéria (nas áreas e períodos aqui reunidos) se faz representar nos periódicos brasileiros. Sobretudo, os artigos que compõe o presente Dossiê da *Revista Territórios & Fronteiras* refletem e questionam acerca dos aspectos históricos, filosóficos e culturais que são mobilizados na polissemia de sentidos e nas ambiguidades valorativas da curiosidade e do curioso em seus múltiplos desdobramentos. Pretendem, pois, proporcionar fecundo contato com a literatura consolidada sobre o tema, e, indo além, oferecer interpretações sobre as variadas faces da curiosidade e do curioso em distintos cenários.

O artigo que abre o Dossiê, “Etimologias de Isidoro de Sevilha: apontamentos sobre a curiosidade e os saberes na Antiguidade Tardia”, autoria de **Marcus Cruz**, discute a curiosidade em Isidoro a partir da ênfase em dois aspectos essenciais: por um lado, a disputa entre os intelectuais cristãos e os pensadores helenos pelo legado e herança da *Paideia* greco-romana; e por outro, o esforço para a elaboração de uma síntese da tradição cultural clássica que fosse adequada e pertinente às necessidades deste momento histórico.

No segundo artigo, “La *curiositas* en el pensamiento cisterciense. El caso de Aelredo de Rieval”, de **Natalia Jakubecki**, se investiga a curiosidade no século XII, tendo por pano de fundo a tradição cisterciense, mas não sem, antes, percorrer os antigos e ressaltar confluências caras ao período: a tradição patrística e as fontes pagãs e árabes. Para

⁴ BURCKHARDT, Jacob C. *A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio*. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Aelredo, a *curiositas* é um vício, cuja tipificação e desdobramentos morais são detalhadamente apresentados pela autora.

Mantendo em destaque a presença cisterciense, **Marcus Baccega**, em seu “O Além antes de Dante: a inquietante visão de Túndalo”, nos convida ao estudo da *Visão de Túndalo*, *corpus* originalmente latino, datado de 1147, que o Autor recolhe no gênero retórico-poético das viagens ao Além. No texto são exploradas as “curiosidades” em torno da fortuna da Obra protagonizada pelo cavaleiro Túndalo: a inspiração para Dante e sua *Comédia*, e, principalmente, a forte participação na produção pictórica sobre o Inferno e o Paraíso da Idade Média Central. Na mobilização das influências provocadas pela *Visão de Túndalo*, estão em questão, afirma Baccega, as disputas entre o “*ethos* cavaleiresco cristão” e o “*ethos* cavaleiresco laico”.

Adentramos o Renascimento com o artigo de **Marcela Borelli**, “El sentido de *curiositas* en la obra de Francesco Petrarca”, o qual apresenta a multiplicidade de significados para a *curiositas* recortados de alguns escritos de Petrarca: epístolas *Familiares y Seniles*, *Secretum*, *De otio religioso*, *De sui ipsius et multorum ignorantia* e *De remediis utriusque fortune*. A chave interpretativa da Autora aponta tensões valorativas que fazem oscilar os sentidos da curiosidade para o humanista, assentando-os nas influências herdadas da filosofia antiga e nos estudos petrarquianos acerca da literatura cristã, principalmente Apuleio e Agostinho.

Continuamos no Renascimento com a contribuição de **Fabrina Magalhães Pinto**, que se debruça sobre a obra de um dos mais notáveis autores do *Quattrocento* italiano: Leonardo Bruni. O artigo “Leonardo Bruni e o seu projeto político de tradução” investiga as traduções brunianas do *corpus* aristotélico, especialmente se interessa pela versão de Bruni para a *Política* de Aristóteles na medida em que esta traz importantes inovações na arte da tradução, bem como é, também, um aporte fundamental para a construção da linguagem política renascentista.

Em “*Perversa cura vocatur*: análise moral e filológica da *curiositas* por Lorenzo Valla”, de **Ana Letícia Adami**, a tópica da curiosidade ganha, concomitantemente, uma abordagem filosófica e filológica, tendo à frente Valla em duas de suas obras – *De Voluptate (Do Prazer)* e *De Elegancia Linguae Latinae (Da Elegância da Língua Latina)* – que são precedidas do trabalho propedêutico de cotejamento das fontes gregas e latinas caras ao humanista. O percurso de Valla, com vistas a atender as variações do termo *curiositas*, recebe, segundo a Autora, um desfecho inusitado, desenhado na triangulação *curiositas-diligentia-negligentia*.

O artigo “Interpretação e restituição. A filologia “radical” de Miguel Servet contra “as monstruosidades dos sofistas””, de **Elaine C. Sartorelli**, desvela um pensador, Miguel de Servet, que nos coloca no centro de uma das maiores, senão a maior, polêmica do início da modernidade: a Reforma. Radicalizando as propostas de Erasmo de Roterdã, o médico, filósofo e teólogo aragonês toma como elemento básico para elaboração de sua teologia o estudo filológico das três línguas presente nas Escrituras. Segundo a Autora, a relevância de Servet e sua curiosidade “se serviu para condená-lo então, agora contribui para seu reconhecimento”.

Na sequência, são propostas quatro interpretações sobre a curiosidade em Montaigne. O primeiro estudo, de **José Alexandrino de Souza Filho**, “Curiosos ensaios”, nos traz a perspectiva de reconhecer os *Ensaíos* como expressão da “mente curiosa” do próprio Montaigne. A primeira parte do artigo realiza uma rica abordagem histórica da curiosidade no Renascimento; em seguida, o foco é deslocado para a ênfase nos argumentos montaignianos que sustentam os ajuizamentos sobre a curiosidade, e deles para a justificação da tese do Autor. O próximo texto, “Usos legítimos e ilegítimos da curiosidade em Montaigne”, autoria de **Maria Cristina Theobaldo**, toma, inicialmente, a curiosidade na perspectiva da história da filosofia, a cotejando, depois, com as indicações valorativas e os usos que Montaigne lhe atribui. A partir de um enfoque ético, busca-se a recepção da história filosófica da curiosidade nos *Ensaíos*, notadamente Agostinho, Sêneca e Plutarco, cujo desfecho, porém, é de nítida participação cética. Com **Emiliano Ferrari**, Montaigne ganha a companhia de Pierre Charron. No artigo “From vice to virtue: the rehabilitation of curiosity in Montaigne and Charron”, ao mobilizar as percepções sobre a curiosidade na tradição filosófica e decorrentes associações viciosas e virtuosas, o Autor as repercute em Montaigne e em Charron, apresentando as transformações valorativas propostas por ambos e, sobretudo, a guinada da curiosidade para o campo das virtudes e das disposições formativas do caráter. Encerrando o bloco dos estudos montaignianos, o artigo de **Sergio Xavier Gomes de Araujo**, “Sobre a ideia de *prudencia* e o fenômeno da perfídia útil em *Do útil e do honesto* de Michel de Montaigne”, adentra o campo da política e dos embates de Montaigne com o realismo-político à moda maquiaveliana. O exercício da vida ativa põe em cena o termo “*curieusement*” (curiosamente), cujo sentido oscila do negativo ao positivo e vice-versa a partir das dinâmicas da vida ativa e da atuação pública ora respaldadas pela prudência e pela boa-fé, ora alugadas e submissas às razões de Estado.

Do Renascimento para o Iluminismo, Rousseau marca presença no Dossiê pelas mãos de **Eduino José de Macedo Orione** em seu “Os paradoxos da curiosidade em Rousseau”, que propõe uma análise da tópica curiosidade em duas obras: *Discurso sobre a desigualdade* e *Emílio ou Da Educação*. Em cada uma delas, e sem deixar de articular suas implicações no “entendimento” e na “vida prática”, a curiosidade rousseauiana, para o Autor, conecta-se a aspectos distintos: a “perfectibilidade” no *Discurso* e o “desejo de investigar” no *Emílio*.

A entrada na contemporaneidade é sinalizada pelo artigo de **Rute Andrade Castro** intitulado “Relatos de viagem sobre o Brasil no século XIX: demandas de uma curiosidade *etnocapitalista*”. Apoiada em farto comentário crítico, a Autora propõe e analisa a articulação entre os registros de viajantes do Brasil novecentista, a “curiosidade crescente na Europa em relação à literatura de viagem” e, notadamente, a “expansão da lógica imperialista de dominação branca”. A multiplicidade discursiva presente em tal literatura permite, sobretudo, entrever dimensões simbólicas, políticas e econômicas reveladoras de um tipo de dominação *etnocapitalista*.

Em tudo instigante, protagoniza o encerramento do Dossiê as “notas de pesquisa” de **Luiz Carlos Bombassaro**, que investiga “A metamorfose do ‘curioso’ em Giordano Bruno” a partir da interpretação de dois diálogos brunianos: *A expulsão da besta triunfante* e *Furores heroicos*. Segundo o Autor, a economia dos significados acerca da curiosidade e do curioso manejada por Bruno, permite retomar o ponto originário da investigação filosófica e seus vínculos com o desejo de conhecer e a sabedoria.

Agradecemos à Equipe Editorial da *Revista Territórios e Fronteiras* a confiança e a sempre cuidadosa atenção às demandas do Dossiê.

Nossos agradecimentos às autoras e aos autores que acolheram a proposta do Dossiê, e reafirmaram, assim, a curiosidade expressa no desejo de investigar e conhecer.

À leitora e ao leitor da *Territórios & Fronteiras* nossos votos de profícua exercitação da curiosidade na companhia dos estudos aqui reunidos.

Marcus Cruz e Maria Cristina Theobaldo